



Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

**Diretrizes Gerais da  
Ação Evangelizadora  
da Igreja no Brasil  
2011 - 2015**

Documentos da CNBB **94**



DGAE  
2015-2019

## INTRODUÇÃO

### CAPÍTULO I - PARTIR DE JESUS CRISTO

### CAPÍTULO II - MARCAS DE NOSSO TEMPO

DGAE  
2015-2019

### CAPÍTULO III - URGÊNCIAS NA AÇÃO EVANGELIZADORA

- 3.1. Igreja em estado permanente de missão
- 3.2. Igreja: casa da iniciação à vida cristã
- 3.3. Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral
- 3.4. Igreja: comunidade de comunidades
- 3.5. Igreja a serviço da vida plena para todos

### CAPÍTULO IV - PERSPECTIVAS DE AÇÃO

- 4.1. Igreja em estado permanente de missão
- 4.2. Igreja: casa da iniciação à vida cristã
- 4.3. Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral
- 4.4. Igreja: comunidade de comunidades
- 4.5. Igreja a serviço da vida plena para todos

### CONCLUSÃO - COMPROMISSO DE UNIDADE NA MISSÃO

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

16. Como o Filho de Deus assumiu a condição humana, nascendo e vivendo como membro de um determinado povo e em uma realidade histórica (Lc 2,1-2), seus discípulos, fiéis a Ele, anunciam o Evangelho à luz da pessoa, da vida e da palavra de Jesus Cristo, Senhor e Salvador. Assim, testemunham o Evangelho acolhendo as alegrias e esperanças, tristezas e angústias do homem de hoje, especialmente dos mais pobres. Os discípulos missionários sabem que evangelizam “também procurando enfrentar os diferentes desafios que podem se apresentar”, e que, para isto, devem conhecer a realidade à sua volta, atentos aos sinais dos tempos e, em atitude de discernimento, nela mergulhar iluminados pela fé.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

17. “Evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho”. A Igreja no Brasil tem sido testemunha do Evangelho da vida e da promoção da justiça e da paz e acompanha com atenção a realidade cultural, econômica e política da sociedade brasileira, especialmente atenta aos pobres, que, tendo de lutar para viver e muitas vezes com “pouca dignidade”, são a maioria da população e “vivem seu dia a dia precariamente”.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

18. Os elementos do contexto em que a Igreja vive e age são aqui apresentados e interpretados numa perspectiva pastoral, na linha do discernimento evangélico. Em grande parte, são condicionados pela conjuntura cultural e econômica mundial. Assumem características comuns em todo o território nacional, mas é em cada local que abrem possibilidades novas e fazem sentir o peso de seus limites e distorções. Por isso, cada comunidade é convidada a conhecer bem os desafios locais, entre os quais tem que viver e com os quais tem que interagir no cumprimento de sua missão.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

- 1 – Contexto atual: mudança de época
- 2 – Riscos e consequências de uma mudança de época

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

21. Mudanças de época, de fato, afetam os critérios de compreensão, os valores mais profundos, a partir dos quais se afirmam identidades e se estabelecem ações e relações. Além disso, constata-se o aumento progressivo do relativismo, a ausência de referências sólidas, o excesso de informações, a superficialidade, o desejo a qualquer custo de conforto e facilidades, a aceleração do tempo, trazendo desafios existenciais e produzindo incertezas, precariedade, insegurança, inquietação.<sup>38</sup> Surgem ou se agravam tendências desafiadoras como o individualismo, o fundamentalismo, o relativismo e diversas formas de unilateralismos. A atual crise cultural atinge, de modo particular, a família. “Difunde-se a noção de que a pessoa livre e autônoma precisa se libertar da família, da religião e da sociedade”.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

22. No campo social e econômico, os critérios que regem o mercado regulam também as relações humanas. Crescem as ofertas de felicidade, realização e sucesso pessoal, em detrimento do bem comum e da solidariedade, desconsiderando as atitudes altruístas, solidárias e fraternas. Os pobres são considerados supérfluos e descartáveis, ‘resíduos e sobras’.

Trata-se de uma economia caracterizada pela “negação da primazia do ser humano”, e, por isso, pela exclusão e pela desigualdade social, geradora uma cultura do bem-estar e do descartável e uma globalização da indiferença.



## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

23. Em consequência, surgem práticas preocupantes de banalização da vida, tais como: a manipulação de embriões, práticas abortivas e tantas outras mortes absurdas; ausência de políticas públicas para uma vida digna com educação, saúde, segurança, trabalho, lazer, moradia; de efetiva proteção à vida e à família, às crianças e aos adolescentes, aos jovens e aos idosos e às pessoas com deficiência. A banalização da vida traz consigo a violência. Verdadeiro “câncer social”, a corrupção agrava a situação e gera, em muitos, atitudes de desconfiança e descrédito nas possibilidades de mudança.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

24. Em razão da hegemonia que a economia exerce sobre a cultura atual, é preciso discernir a origem profunda da atual crise econômico-financeira. À luz da dignidade humana, ela se revela como uma crise antropológica: reduz a pessoa humana a uma de suas necessidades, o consumo. À luz da fé cristã, ela se caracteriza como rejeição da ética e de Deus.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

25. No âmbito religioso, constata-se um forte pluralismo, no qual se encontram, muitas vezes, práticas marcadas por fundamentalismo, emocionalismo e sentimentalismo. Isto por um lado, resulta de uma reação contra a sociedade materialista, consumista e individualista, procurando preencher o vazio deixado pelo racionalismo secularista e, por outro, se aproveita das carências da população. Tais movimentos religiosos favorecem a manipulação da mensagem do Evangelho. Exclui-se assim a salvação em Cristo, que passa a ser apresentada como sinônimo de prosperidade material, saúde física e realização afetiva. Existe também uma corrente secularista que mundialmente invade a sociedade, produzindo negação da transcendência, indiferença religiosa e generalização do relativismo.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

26. No âmbito católico, um considerável número de pessoas se afasta, por diferentes razões, da comunidade eclesial, sinal da “crise do compromisso comunitário”. Constata-se, em algumas comunidades, situações que interpelam a ação evangelizadora: a persistência de uma pastoral de manutenção em detrimento de uma pastoral decididamente missionária; a compreensão da comunidade como mera prestadora de serviços religiosos do que lugar de vivência fraterna da fé;

o mundanismo sob vestes espirituais e pastorais do que a efetiva conversão; sinais de apegos a ‘vantagens e privilégios’ do que ao espírito de serviço; celebrações litúrgicas que tendem mais à exaltação da subjetividade do que a comunhão com o Mistério; a utilização de uma linguagem inadequada do que uma linguagem acessível e atual; a tendência à uniformidade do que a unidade na diversidade. Sente-se a necessidade de encontrar uma nova figura de comunidade eclesial, acolhedora e missionária.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

27. Em virtude do enfraquecimento das instituições e das tradições, cresce a responsabilidade pessoal. Em outras épocas, instituições e tradições protegiam bem mais os indivíduos. Nesta mudança de época, instituições e tradições tendem a ser socioculturalmente julgadas com base na ação dos indivíduos.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

28. Nesse contexto sociocultural, o discípulo missionário não desanima nem se acomoda, mas reage segundo o espírito das bem-aventuranças (Mt 5,1ss), colocando-se atento na presença do Senhor (1Sm 3,9-10). Ele crê que o Espírito é a força de Deus presente na vida das pessoas e da comunidade eclesial e confia que Ele o conduz, orienta e ilumina. Não faltam sinais de esperança.

## CAPÍTULO II – MARCAS DO NOSSO TEMPO

29. “Os desafios existem para serem superados. [...] Não deixemos que nos roubem a força missionária”. Eles oferecem oportunidade para discernir as urgências da ação evangelizadora. Este é um tempo para responder missionariamente à mudança de época com o recomeçar a partir de Jesus Cristo, através de “novo ardor, novos métodos e nova expressão”, com “criatividade pastoral”. “O semeador, quando vê surgir o joio no meio do trigo, não tem reações lastimosas ou alarmistas. Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova”.

**Muito obrigado!**

## **O CATEQUISTA NO PROCESSO DA AÇÃO EVANGELIZADORA**

**PROF. ARIÉL PHILIPPI MACHADO\***  
**ARIEL.PHILIPPI@HOTMAIL.COM**  
**(48) 9 96081648**

\*LICENCIADO EM MATEMÁTICA (UNISUL), BACHAREL EM FILOSOFIA (FSL) E TEOLOGIA (FACASC).  
ESPECIALISTA EM CATEQUESE – INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ (FACASC) E CATEQUISTA NA ARQUIDIOCESE DE  
FLORIANÓPOLIS. COORDENADOR-ADJUNTO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM CATEQUESE –  
INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ NA FACULDADE CATÓLICA DE SANTA CATARINA (FACASC).

